

ROJO DE LA ROSA, Sara. A Propósito de uma Leitura Dramática”. Belo Horizonte: UFMG. Professor Associado, Pesquisador Bolsista de Produtividade do CNPq e Pesquisador Mineiro da Fapemig. Diretora.

RESUMO

O Mayombe Grupo Teatro fez uma leitura dramática de “Lágrimas de um guarda-chuva”, de Eid Ribeiro, no dia 8 de junho de 2011. O processo de construção desse trabalho foi governado pelo desejo. Desejo de fazer, de criar, de compartilhar propostas e, como sempre, uma luta contra o relógio de cada um. Por que isso é possível? O texto de Eid convoca e, além disso, existe o desejo, no grupo, de quebrar com o tempo linear para transformar a experiência num instante de “prazer”, corporificar a literatura sem que deixe de ser literatura. Criar outros formatos para fazer e para falar da arte. Em relação ao texto, do título até a última fala, consiste, principalmente, num jogo em que o que está colocado em questão é a função da arte numa sociedade na qual esta perdeu seu lugar. Digo, principalmente, porque não se pode esquecer que a ação dramática coloca no palco seres que nasceram ou que foram jogados numa estrada sem cidadania. São corpos à deriva, nos quais o que prima são os instintos de vida/ sexo, morte/ sobrevida. Dentro desse universo, o corpo é entendido como passível de ser morto, estuprado, usado. Tudo isso, dentro de uma estética que brinca com o grotesco e com o riso diante da inumanidade. A peça dói, porque se testemunha esse mundo e não se pode fazer nada ou quase nada, senão fugir como a protagonista Zambê, a mulher-macaco. Neste século XXI, grande parte da arte foge dessa realidade e se refugia num debate intimista ou supostamente subversivo a convenções e cânones sem nenhuma reflexão sobre os jogos de poder, de destruição e de animalidade que estamos vivendo. As peças de Eid são diferentes: mergulham dentro do sujeito para olhar a sociedade. As imagens que nascem de seus textos “tomam posição”, mas uma posição que não esquece a linguagem metafórica e passional da arte. Mesmo que seja, como no caso de “Lágrimas de um guarda-chuva”, para mostrar um mago (artista) que já não tem truques para envolver um povo contaminado pela peste, fazendo que essa imagem reflita como espelho os artistas do presente, desolados, tentando retirar coelhos da cartola para ver se alguém volta a sentir com os velhos/ novos truques.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Teatro. Desejo. Arte.

RESUMEN

Mayombe Grupo Teatro realizó una lectura dramática de “Lágrimas de um guarda-chuva” de Eid Ribeiro el día 8 de junio de 2011. El proceso de construcción de ese trabajo fue gobernado por el deseo. Deseo de hacer, de crear, de compartir propuestas y, como siempre, una lucha contra el reloj de cada uno. A pesar de ello, el deseo permitió que fuese posible. ¿Por qué sucedió eso? El texto de Eid convoca y, además, existe la necesidad, en el grupo, de quebrar con el tiempo lineal para transformar la experiencia del tiempo en un instante de “placer”, corporificar la literatura, sin dejar de ser literatura. Crear otros formatos para hacer y para hablar del arte. En relación al

texto, del título hasta el último parlamento consiste, principalmente, en un juego en que lo que está siendo problematizado es la función del arte en una sociedad en la cual éste perdió su lugar. Digo, principalmente, porque no se puede olvidar que la acción dramática trae al palco seres que nacieron o que fueron lanzados en una vía sin ciudadanía. Son cuerpos a la deriva, en los cuales priman los instintos de vida/sexo, muerte/sobrevivida. Dentro de ese universo, el cuerpo es entendido como susceptible de ser muerto, estupro, usado. Todo eso, dentro de una estética que juega con el grotesco y con la risa frente a la inhumanidad. La pieza duele porque se testimonia un mundo en el cual no se puede hacer nada o casi nada, sólo huir como el personaje protagonista, Zambê, la mujer macaco. En este siglo XXI, gran parte del arte huye esa realidad y se refugia en un debate intimista o supuestamente subversivo a las convenciones y cánones sin ninguna reflexión sobre la red de poder, destrucción y animalidad que se vive. Las imágenes de Eid Ribeiro “toman posición”, pero una posición que no se olvida del lenguaje metafórico. Aunque sea como en “Lágrimas de un paraguas” para mostrar un mago que ya no tiene más trucos para hipnotizar a un Pueblo contaminado por la peste, haciendo que esa imagen refleje como espejo a los artistas del presente, desolados intentando retirar conejos de su sombrero de copa para ver si alguien vuelve a sentir con los viejos/nuevos trucos.

Palabras clave: Literatura. Lectura. Teatro. Deseo. Arte.

Os vaga-lumes desapareceram? Certamente não. Alguns estão bem perto de nós, roçam na escuridão; outros partiram para além do horizonte, tentando reformar em outro lugar sua comunidade, sua minoria, seu desejo partilhado (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 160).

Dentro de um projeto do Grupo Trama, de homenagem ao dramaturgo mineiro Eid Ribeiro, houve uma apresentação do Mayombe Grupo Teatro com a leitura dramática de “Lágrimas de um guarda-chuva”¹ (2010) no dia 8 de junho de 2011. O processo de construção desse trabalho foi governado pelo desejo. Desejo de fazer, de criar, de compartilhar propostas e, como sempre, uma luta contra o relógio de cada um dos integrantes do grupo. Por que isso foi possível? O texto de Eid em si mesmo convoca, além disso, existe o desejo, no grupo, de quebrar com o tempo linear para transformar a experiência cênica num instante de “prazer” transformador. Entendido esse instante segundo as colocações de Agamben (2008, p. 128): “Verdadeiro materialista histórico não é aquele que segue ao longo do tempo linear e infinito uma vã miragem de progresso contínuo, mas aquele que, a cada instante, é capaz de parar o tempo, porque conserva que a pátria original do homem é o prazer”.

Esta tentativa do Mayombe é também, por outro lado, uma busca por corporificar a literatura sem que essa deixe de ser literatura. O grupo teve uma segunda experiência de leitura dramática, desta vez com textos não dramáticos (poemas, pensamentos crônicas) de diversos autores, música e canções no Centro Cultural da UFMG, no dia 6 de julho de 2011. Tratava-se de criar outros

¹ Este texto foi montado com direção de Antonio Cadengue em 2010.

formatos para fazer e para falar da Arte. Às vezes, o receptor precisa do silêncio da leitura para encontrar o sentido da letra, mas às vezes é a materialidade dos corpos que lhe permite atingir uma zona oculta da palavra, mas contida na palavra mesma. Essa zona, determinada pelo corpo que fala, estimula a sensibilidade para um entendimento que vai além do possível no processo de racionalização do pensamento abstrato.

No entanto, não é qualquer texto que possibilita transcender o espaço da página, atingir essa zona que vai além da palavra, nem é qualquer leitura que potencializa essa experiência. Existem condições do texto e do corpo que fala. Isso foi percebido pelo grupo nos processos de leitura que realizamos. Esse fato traz a necessidade de refletir sobre as particularidades do texto de Eid Ribeiro que permitiram ao Mayombe Grupo de Teatro corporificá-lo numa leitura dramática. Não é só o fato de ser um texto feito para o teatro, olhar desse modo é cair na imobilidade estrutural dos gêneros literários. A questão está no fato de que “Lágrimas de um guarda-chuva” seja um texto de imagens corporais (viscerais), que surgem das palavras; e não de conceitos teóricos no campo da abstração, nem de palavras só inteligíveis por meio de ações físicas. Os conceitos e ações existem, mas surgem atravessados pelas imagens-palavras que os apresentam. E aí está uma segunda problemática, trata-se da necessidade para uma leitura dramática que potencie esse texto, ou qualquer outro com estas características, do entendimento racional pela interiorização afetiva da palavra pelos atores-leitores. Sem esse entendimento, a palavra fica morta, pois não tem a intimidade que permite a leitura analítica solitária nem a ressonância de uma voz que traz esse além da palavra.

Em “Lágrimas de um guarda-chuva”, do título até a última fala consiste, principalmente, num jogo em que o que está colocado em questão é a função da Arte numa sociedade na qual esta perdeu seu lugar. Digo, principalmente, porque não se pode esquecer que a ação dramática coloca no palco seres que nasceram ou que foram jogados numa estrada sem cidadania. Seres para a morte como todos, mas sem um espaço no interior da *polis* para morrer. São seres à deriva, nos quais o que prima são os instintos de vida/ sexo, morte/ sobrevivência. Dentro desse universo, o corpo é entendido como passível de ser morto, estuprado, usado. Segundo Agamben (2010, p. 122), “são os corpos absolutamente matáveis dos súditos que formam o novo corpo político do Ocidente”.

A peça denuncia a inumanidade por meio de uma estética que brinca entre uma linguagem grotesca e absurda, que provoca o riso, o incômodo e o nojo: Sansão falando para Zambê: “ô bicho complicado, meu Deus! Se não é o maldito dente, é a bosta da barriga, o ovário atravessado, a tal da bexiga, o piolho desgraçado ou a porca dessa vida!” (RIBEIRO, s/p). A peça dói, porque se testemunha um mundo em que não se pode fazer nada ou quase nada, senão fugir como a protagonista, Zambê, a mulher-macaco, quando descobre uma “lucciola”, a luz intermitente dos vaga-lumes (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 19):

Carmelo – meu nome é Carmelo.

Angelina – vem cá. Senta perto de mim, Carmelo, aqueça meu coração.
Carmelo – é que eu pensei.
Angelina – vem, amor, ele não liga não.
Carmelo – esse é o meu destino, mestre Sansão?
(RIBEIRO, s./p.)

Quando Angelina sente que não é apenas uma abstração (“Nem bicho, nem mulher, tem dia que sou só um pensamento”), pois alguém (Carmelo) percebeu sua existência. A voz da atriz Marina Arthuzzi constrói a emoção desse encontro. A leitura dramática levou o público essa noite a potencializar a palavra para construir mentalmente o instante em que a mulher-macaco percebe a sua humanidade, descobre o “saber-vaga-lume. Saber clandestino, hieroglífico” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 136).

Neste século XXI, grande parte da arte foge dessa realidade de inumanidade apresentada nesta peça. Essa arte, geralmente submetida à indústria cultural porque quer ou porque não sabe, refugia-se num debate intimista cuja única coisa que faz é olhar só para si mesma ou é supostamente subversiva e irônica às convenções e cânones sem nenhuma reflexão sobre os jogos de poder, de destruição e de animalidade que estamos vivendo:

Não vivemos mais na época em que a ideologia procurava naturalizar modelos normativos de conduta e tipos sociais ideais, até porque isso exigiria identificações com tipos sociais pautadas pela ética da convicção, o que seria impossível em situações de crise, de legitimidade como a nossa. Esta disposição atual da indústria em ironizar a todo o momento aquilo que ela própria apresenta. Esta autoderrisão é uma maneira astuta de perenizar estruturas narrativas e quadros de socialização, mesmo reconhecendo que eles estão completamente arruinados (SAFATLE. In: SEDLMAYER et al., 2007, p. 112).

As peças de Eid Ribeiro não entregam normas de condutas nem fazem autoironia; mergulham dentro do sujeito para olhar a arte e a sociedade, para olhar além dele. As imagens que nascem de seus textos fazem uma tomada posição dolorida. Segundo Didi-Huberman (2008, p. 11), “tomar posición es desear, exigir algo, es situarse en el presente y desear un futuro”. Mas essa tomada de posição “desejante” que realiza o autor do texto não esquece a linguagem metafórica e passional da Arte. Mesmo que seja, como no caso de “Lágrimas de um guarda-chuva”, para mostrar um mago (artista) que já não tem truques para envolver um povo contaminado pela peste:

Sansão – não percam! pela primeira vez nesta cidade, Zambê! a mulher-macaco! vindo diretamente da selva africana para o interior do Brasil! (...) Venham, venham todos... somente hoje... venham...
Sansão continua por alguns momentos a bater o tambor. Vai sendo envolvido pelo desânimo, até parar.
Tira o lenço do bolso e enxuga o suor.
Senta-se num banco e fica olhando o vazio.
Do alto começam a cair folhas tocadas pelo vento (RIBEIRO, s./p.).

As ações dramáticas, na leitura, são apenas enunciadas. O som de um instrumento, alguns gestos e o silêncio do ator Marcos Coletta criam o ritmo. Mas as palavras ressoam e a imagem reflete, como espelho, nos artistas do presente, desolados, tentando retirar coelhos da cartola para ver se alguém volta a sentir com os velhos/ novos truques. A leitura adquire força nos tons,

nas nuances, nos silêncios e nos espaços que deixa o próprio texto para ser completado, construído pela voz do ator.

Uma leitura se diferencia de uma montagem, em que o centro está na própria obra dramática, as outras linguagens estão só esboçadas. Na leitura do Mayombe, esse esboço estava principalmente no trabalho tonal dos atores, mas também nos óculos obscuros dos cegos, nas flores jogadas no chão, em alguns sons, numa mala gigante, mas ainda assim continuava sendo uma experiência de fronteira. Na montagem, por meio das diversas linguagens cênicas, se constrói um novo texto; na leitura, trata-se de coletivizar a experiência literária, de colocá-la em outro formato, mas não de construir outra linguagem semiótica.

Insisto, não é qualquer texto nem qualquer leitura que permitem uma experiência prazerosa, de fruição estética. O texto sozinho deve ter força e capacidade de ressonância imagética nas palavras, e os atores uma reflexão, um “trabalho de mesa”, como se dizia antigamente, que lhes possibilite a sensação de que até a última vírgula, desse texto, lhes pertence. Esse entrecruzamento ativará a capacidade de ambos possibilitando uma experiência de fronteira entre a literatura e o teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos: Jorge M. B. de Almeida. Trad. por Juba Elisabeth Levy. **Crítica cultural e sociedade**. Trad. por Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. **Tempo livre**. Trad. por Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 70p.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 197 p.
- _____. **Infância e história. Destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 188p.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cuando las imágenes toman posición**. Trad. Inés Bertolo. Madri: Machado Libros, 2008. 323p.
- _____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2008, 160 p.
- RIBEIRO, Eid (autor) e Mayombe Grupo Teatro (leitura dramática). **Lágrimas de um guarda-chuva**. Belo Horizonte: Esquyna. Espaço Coletivo Teatral gerenciado pelos grupos Mayombe e Invertido, 8 de junho de 2011.
- SAFATLE, Vladimir. **Materialismo, imanência e política**. Sobre a teoria da ação de Giorgio Agamben”. In: SEDLMAYER, Sabrina e outros (org.). O comum e a experiência da linguagem. Belo Horizonte: UFMG, 2007. pp. 91-123.